

## O TEMPO EM FERDINAND DE SAUSSURE

Ananias Agostinho da SILVA<sup>94</sup>

Francisco Vieira da SILVA<sup>95</sup>

Gilton Sampaio de SOUZA<sup>96</sup>

“‘Se você conhecesse o tempo tão bem quanto eu’, disse o  
Chapeleiro, ‘falaria dele com mais respeito’”. Lewis Carroll

**Resumo:** O presente ensaio consiste em uma reflexão sobre a variável tempo na Linguística de Ferdinand de Saussure. Interessa-nos, de modo particular, mostrar que o tempo está no centro da reflexão saussuriana e, portanto, não pode ser desconsiderado ou mesmo suspenso do modelo estruturalista proposto por Saussure. Para tanto, recupero os pressupostos do autor difundidos no *Curso de Linguística Geral*, publicado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger, em 1916, e em *Escritos de Linguística Geral*, organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler com colaboração de Antoinette Weil.

**Palavras-chave:** Saussure. Linguística. Tempo.

**Abstract** *The present essay consists of a reflection on the variable time in linguistics of Ferdinand de Saussure. It interests us, in particular, to show that time is in the center of Saussurian reflection, and, therefore, cannot be disregarded or even suspended from the structuralist model proposed by Saussure. To do so, the assumptions of the author propagated in the Course of General Linguistics are recovered, published by Charles Bally and Albert Sechehaye with the collaboration of Albert Riedlinger, in 1916, and in Writings of General Linguistics, organized and edited by Simon Bouquet and Rudolf Engler with collaboration of Antoinette Weil.*

**Keywords:** Saussure. Linguistics. Time.

---

<sup>94</sup> Doutorando em Estudos da Linguagem, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor do Departamento de Letras, do *Campus Avançado de Patu*, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Patu-RN, Brasil. E-mail: [ananiasgpet@yahoo.com.br](mailto:ananiasgpet@yahoo.com.br).

<sup>95</sup> Doutorando em Linguística, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Membro do Círculo de Discussões em Análise do Discurso (CIDADI), João Pessoa, PB, Brasil. E-mail: [franciscovieirariacho@hotmail.com](mailto:franciscovieirariacho@hotmail.com).

<sup>96</sup> Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP e Pós-doutor em Estudos Comparados: Língua Portuguesa e Língua Francesa, pela Université Paris VIII, na França. Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Bolsista de Produtividade em Pesquisa da UERN. E-mail: [giltionsampaio@uern.br](mailto:giltionsampaio@uern.br).

## Introdução

“Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte.”. Tal como o célebre Brás Cubas em suas memórias póstumas, também muito hesitamos antes de começar este texto. Não sabíamos efetivamente por onde começá-lo. Não porque quiséssemos tornar o escrito “assim mais galante e mais novo”, como fizera o senhor Brás, ou porque pretendêssemos assentar o fim no prelúdio do texto. Hesitamos dada à complexidade que recobre os temas que pretendo abordar.

Ora, falar sobre Ferdinand de Saussure implica a mobilização de muitos conceitos, a maioria deles ainda abstrusos, por vezes vagos e ainda imprecisos, aparentemente contraditórios (opostos). A título de ilustração, tomemos o conceito de língua (*langue*) proposto pelo mestre genebrino: apesar de distintas, não há com conceber a língua sem a fala (*parole*) – elas estão intrinsecamente ligadas. A língua é essencialmente social e não depende do indivíduo, mas é o indivíduo que produz a fala e é a fala responsável pela mudança ou evolução da língua, portanto, instrumento e produto da fala. A língua é indispensável à inteligibilidade da fala, mas a fala também é fundamental para que a língua se estabeleça. Some-se a isto o fato de os conceitos propostos por Saussure terem sido – e ainda continuam sendo – alvo de severas críticas, oriundas principalmente de correntes linguísticas opostas ao estruturalismo saussuriano<sup>97</sup>.

Pensar a variável tempo na proposta do mestre torna tudo ainda mais complicado. Ele próprio reconhece que "poucos linguistas percebem que a intervenção do *fator tempo* é de molde a criar, para a linguística, dificuldades particulares, e que ela lhes coloca a ciência frente a duas rotas absolutamente divergentes" (SAUSSURE, 2012, p. 120). Essas duas *rotas absolutamente divergentes* (?) citadas pelo linguista correspondem às noções de sincronia (linguística estática) e de diacronia (linguística evolutiva). E não é novidade para ninguém que Saussure parece eleger a sincronia dos estudos estáticos, “muito mais difícil de se fazer”, em

---

<sup>97</sup> Prefiro a expressão estruturalismo saussuriano porque, conforme aponta Ilari (2009), não podemos pensar o estruturalismo como um movimento uniforme. Por exemplo, é possível falar em um estruturalismo americano, que tem como um de seus principais representantes Leonard Bloomfield, que difere em muitos aspectos da proposta de Saussure. Para uma distinção clara entre essas duas vertentes, indico a leitura completa do texto de Ilari (2009).

lugar de uma linguística diacrônica, responsável pelo estudo das mudanças ocorridas entre os sucessivos estados da língua.

Dada a opção metodológica de Saussure, alguns linguistas sugerem a necessidade de “suspensão” da variável tempo como forma de afirmação das especificidades do modelo estruturalista proposto pelo mestre. Diz-se, por exemplo, que “se o tempo é de modo a ‘criar dificuldades para a linguística’, então, uma linguística que vise ao estatuto de Ciência deve antes se *desfazer da noção de tempo* em detrimento de um aparato teórico que dissocie a análise do objeto de estudo do seu uso, efetivamente” (MARTINS, 2008, p. 115, grifos nossos). Dentre os linguistas que pensam assim, Émile Benveniste, leitor perspicaz de Saussure: “a linguagem [tal como concebida por Saussure] em si mesma não comporta nenhuma dimensão temporal, ela é sincrônica e estrutura, funciona apenas em função de sua natureza simbólica”. (1978, p. 5).

Defendemos justamente uma posição inversa a este ponto de vista. Como sugere o linguista francês Michel Arrivé (2010), o tempo está no centro da reflexão saussuriana e, portanto, não pode ser desconsiderado ou mesmo suspenso do modelo estruturalista proposto por Saussure. É esta a hipótese que pretendemos sustentar ao longo desse texto, demonstrando, inclusive, que mesmo em uma linguística dos estados estáticos da língua, uma linguística sincrônica, ainda não é possível abdicar do fator tempo.

Para isso, recorreremos especialmente ao *Curso de Linguística Geral*, publicado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger, em 1916, em Lausanne e em Paris, três anos após a morte de Saussure. Aqui, utilizamos edição mais recente da Editora Cultrix (2012), tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Bilikstein. Além do *Curso*, também recorreremos aos *Escritos de Linguística Geral*, organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler com colaboração de Antoinette Weil, traduzidos no Brasil por Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco e publicados também pela Editora Cultrix (2002). Finalmente, por vezes, retomamos comentários e citações feitas por Michel Arrivé, em suas diversas obras sobre Ferdinand de Saussure e, quando necessário, comentários de outros leitores de Saussure citados ao longo deste texto.

Como em Saussure “cada um de seus segmentos só tem sentido em suas relações com os demais”, antes de falar sobre o tempo, muitas outras noções e discussões serão aqui retomadas. Assim sendo, o artigo está organizado da seguinte maneira: antes de outras discussões, retomamos o conceito de língua como objeto de estudo da Linguística, tal qual

propôs Saussure; depois, buscamos resgatar o que sugere o mestre sobre a natureza do signo linguístico como uma entidade psíquica de duas faces (significante e significado) e sobre suas características primordiais (imutabilidade e caráter linear). Discutimos também sobre a necessidade apresentada por Saussure de distinguirmos, no estudo da língua, duas linguísticas, uma evolutiva ou diacrônica e uma outra estática ou sincrônica. Finalmente, dedicamo-nos a refletir sobre o tempo, defendendo a hipótese aqui já apresentada, de que não podemos nos desfazer da noção de tempo na Linguística proposta por Saussure.

### **A língua: objeto da Linguística**

O conceito de língua é um dos mais complexos na área dos estudos da linguagem. Defini-la não é – e nunca foi – uma tarefa fácil para nenhum linguista. Talvez por isso a existência de um leque de definições, oriundas de perspectivas as mais diversas.

Em Saussure, especialmente no *Curso de Linguística Geral*, a língua é vista como o objeto de estudo da Linguística. Enquanto tal, ela não se confunde com a linguagem, corresponde apenas a uma parte determinada, porém indubitavelmente essencial, dela. A linguagem, de modo geral, “é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence, além disso, ao domínio individual e o domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos” (SAUSSURE, 2012, p. 41). Diferentemente dela, a língua “é um todo por si e um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação” (id.). E é justamente por atribuir à língua o primeiro lugar no estudo da linguagem que o mestre genebrino ocupa-se em defini-la amiúde.

De princípio, Saussure diz ser a língua um sistema de signos. “A língua representa um sistema interiormente ordenado em todas as suas partes” (SAUSSURE, 2002, p. 68). No estudo sobre os anagramas, por exemplo, a ideia de língua como sistema aparece de forma bastante explícita:

Em um sistema onde nenhuma palavra poderia ser mudada sem dificultar, a maior parte do tempo, muitas combinações no que se refere ao anagrama, em um tal sistema não se pode falar dos anagramas como de um jogo acessório da versificação, eles se tornam a base, quer o versificador queira ou não (apud STAROBINSK, 1974, p.23).

Neste sistema, o signo sozinho não existe e nem funciona, ele só existe dentro do sistema, quando em relação com os outros signos:

[...] é uma grande ilusão considerar um termo simplesmente como a união de certo som com um certo conceito. Defini-lo assim seria isolá-lo do sistema do qual faz parte; seria acreditar que é possível começar pelos termos e construir o sistema fazendo a soma deles, quando, pelo contrário, cumpre partir da totalidade solidária para obter, por análise, os elementos que encerra. (SAUSSURE, 2012, p. 132).

Os valores, por exemplo, são definidos como puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são” (SAUSSURE, 2012, p. 136).

As relações que se estabelecem entre os elementos constituintes do sistema da língua, os signos linguísticos, se desenvolvem em dois eixos distintos de seleção e combinação: o sintagmático e o paradigmático (ou associativo). Segundo Saussure (2012, p. 171), esses dois eixos correspondem a “duas formas de nossa atividade mental, ambas indispensáveis para a vida da língua.”

O primeiro eixo diz respeito ao fato de os termos da língua estabelecerem entre si uma relação linear, o que exclui a possibilidade de dois ou mais termos serem produzidos de forma simultânea. Eles se combinam um após outro e suas combinações recebem o nome de sintagmas – daí o nome do eixo. Em um sintagma, conforme Saussure (2012, p. 172), “um termo só adquire valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos”. Por exemplo, a palavra infelicidade trata-se de um sintagma porque composta de um prefixo indicativo de negação *in*, do radical *feliz* e do sufixo *idade*. É em relação ao prefixo *in* que o sintagma *feliz* adquire significação oposta. Por isso, diz-se que ele não significará sozinho, mas dependerá de todos os outros sintagmas que lhe antecede ou sucede.

O segundo eixo é de ordem associativa. Parte-se do desígnio de que as palavras que apresentam algo em comum se associam e formam grupos na memória do indivíduo, dentro dos quais se estabelecem relações as mais diversas tanto no nível da significação quanto no da forma. Assim, à palavra *escola*, por exemplo, estão associadas outras como *aluno*, *professor*, *educação*, *ensino*, *aprendizagem*. À *terra*, estão associadas *terreiro*, *terraço*, *terreno*. Há vários outros tipos de séries associativas, mas não convém aqui retomar todas elas, porque estas já ilustram satisfatoriamente.

Além de sistema de signos, a língua para Saussure também é uma convenção social. Enquanto tal, ao menos em sua essência, ela independe do indivíduo para ser formada e desenvolvida.

É neste ponto que Saussure (2012, p. 35) distingue a língua (*langue*) da fala (*parole*): o que é essencial do que é individual – o que é essencial do que é acessório e mais ou menos acidental.

A língua não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação.

A fala é, ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: a) as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; b) o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações.

Mesmo sendo dicotômicas, a língua não existe sem a fala e nem a fala sem a língua. A língua é produto da fala de cada indivíduo que pertence a um grupo social. A fala é essencial para que a língua tenha existência. Se não houvesse língua, como as pessoas se comunicariam? Se as pessoas não falassem, como existira a língua – compreendida aqui como produto social?

Apesar dessa relação íntima, Saussure realiza um recorte epistemológico entre língua e fala. Segundo Arrivé (2010), sua intenção é apresentar um objeto “puro”, que seja adequado aos padrões formalista e normativo do paradigma científico, um objeto de estudo da ciência da linguagem. E só a língua parece suscetível de ser esse objeto. Outras variáveis, como o indivíduo falante, o contexto situacional de comunicação e outros aspectos da própria enunciação devem ser colocados no campo da fala e, portanto, não devem ser levados em conta. “E, no decurso de nossas demonstrações, esforçar-nos-emos para jamais transpor os limites que separam os dois domínios” (SAUSSURE, 2012, p. 52).

E por ser social, o indivíduo, sozinho, não pode nem criar nem modificar a língua. Ela só existe em virtude de uma espécie de contrato que é realizado entre os membros de uma comunidade. E só assim, por meio deste contrato estabelecido, a língua muda. E é justamente por isso que Saussure afirma ser a língua o resultado de um contrato social.

Embora seja social, apesar de aparentemente contraditório, Saussure também sugere que a língua é psíquica, porque constitui tesouro que é depositado na mente dos falantes. Conforme o mestre, cada indivíduo possui em seu cérebro uma espécie de sistema de regras

que são utilizadas por ele para colocar a língua em funcionamento. Assim sendo, é na esfera psíquica onde a língua efetivamente reside. Prova disso é que a língua não carece de materialização para existir. A contradição entre social e psíquica, portanto, é só aparente.

Também aparentemente contrária é a afirmação de que a língua é concreta. Ora, como pode uma entidade psíquica ser também concreta? Mais uma vez, a contradição é só aparente. A língua é concreta porque corresponde, em essência, a objetos reais, a coisas e entidades que possuem existência real no mundo. A este respeito, diz Saussure (2012, p. 23):

A língua não menos que a fala, é um objeto de natureza concreta, o que oferece grande vantagem para o seu estudo. Os signos linguísticos, embora sendo essencialmente psíquicos, não são abstrações; as associações, ratificadas pelo consentimento coletivo e cujo conjunto constitui a língua, são realidades que têm sede no cérebro.

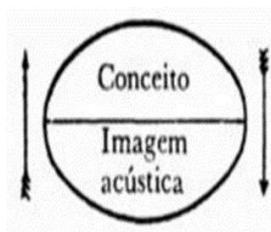
A língua é concreta, pois, na medida em que faz referência a seres ou a entidades concretos, perceptíveis, inclusive, pelos nossos sentidos. Ela se concretiza no liame que associa um conceito a uma imagem acústica, de maneira que uma sequência de sons, sem um vínculo com um conceito, por exemplo, não constitui efetivamente um signo linguístico e, portanto, não seria objeto de interesse da Linguística – talvez da Fonologia. E mais: se se observar apenas uma imagem acústica do signo linguístico, talvez encontre uma abstração na língua, no entanto, isso parece ser impossível, uma vez que, como se verá a seguir, não se pode dissociar a imagem acústica do conceito.

Agora, ser concreta não corresponde a ser material. Na verdade, considerando o aspecto psíquico da língua em Saussure, é que se pode dizer que ela é imaterial. Prova disso é que a língua não necessita ser verbalizada ou escrita para existir. Se um indivíduo pensar, este ato já envolve a linguagem e, portanto, a língua. Nos termos do próprio Saussure (2012), a língua é imaterial porque ela não “salta” para a exterioridade, trata-se de um processo que se desenvolve no interior da própria mente. Todo processo de materialização dos signos linguísticos se dá no campo da fala (*parole*) e não diz respeito, portanto, à *linguística da língua*.

## O signo linguístico

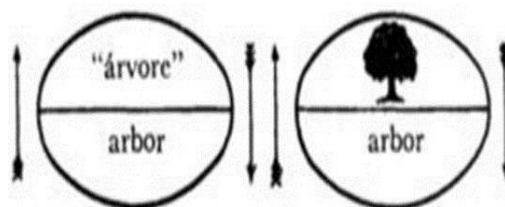
Em Saussure, o signo linguístico é visto como resultado da união de um conceito com uma imagem acústica<sup>98</sup>. Não se trata da união de uma coisa, de um objeto ou som material (*coisa puramente física*), por exemplo, a uma palavra. Trata-se muito mais da união de dois elementos psíquicos, unidos em nossa mente por um vínculo associativo. Ou ainda, “todo signo é uma operação de uma ordem psicológica”, “ele está dentro da nossa cabeça” (SAUSSURE, 2002, p. 117).

Por isso, diz-se que o signo linguístico é uma entidade psíquica de duas faces:



Fonte: Saussure (2012)

O conceito e a imagem acústica estão intimamente unidos no ato da percepção, de modo que um sempre reclama o outro (SAUSSURE, 2012): não é possível falar-se de um sem se falar ao mesmo tempo do outro, embora que, para fins didáticos ou científicos, por um ato de abstração, se possa falar de um sem referir-se ao outro.



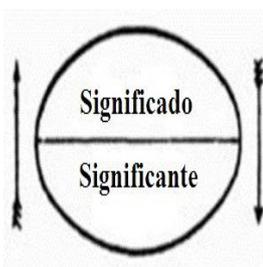
Fonte: Saussure (2012)

---

<sup>98</sup> Para Saussure, a imagem acústica corresponde à representação natural da palavra enquanto fato de língua virtual, fora de toda a realização pela fala. A imagem acústica não corresponde ao som material, mas é o seu correlato psíquico, aquilo que evoca um conceito.

Ora, não se pode buscar o sentido da palavra latina *arbor* sem se considerar a palavra com a qual o latim designa o conceito “árvore”. Os dois estão indissoluvelmente unidos, combinados.

A esta combinação, Saussure dá o nome de signo linguístico. Entretanto, como no uso corrente o termo signo poderia designar também apenas a imagem acústica, o mestre propõe uma reorganização terminológica: o signo linguístico designa a união dos dois elementos, agora denominados de *significado* (conceito) e *significante* (imagem acústica).



Fonte: Saussure (2012)

Conforme o esquema, a natureza do signo em Saussure é dicotômica: “o fenômeno linguístico apresenta perpetuamente duas faces que se correspondem e das quais uma não vale senão pela outra” (SAUSSURE, 2012, p. 15). As duas faces do signo linguístico são explicitadas por Saussure por diferentes metáforas, dentre as quais carecem destaque a *metáfora da folha de papel*, a *metáfora da composição química* e a *metáfora do ser humano*.

A língua é também comparável a uma folha de papel: o pensamento é o anverso e o som o verso: não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro; assim tampouco, na língua, se poderia isolar o som do pensamento, ou o pensamento do som; só se chegaria a isso por uma abstração cujo resultado seria fazer Psicologia pura ou Fonologia pura. (SAUSSURE, 2012, p. 131).

Comparou-se amiúde essa unidade de duas faces com a unidade da pessoa humana, composta de alma e corpo. A comparação é pouco satisfatória. (SAUSSURE, 2012, p. 120).

Poder-se-ia pensar com mais propriedade numa composição química, a água, por exemplo; é uma combinação de hidrogênio e de oxigênio, tomados separadamente nenhum desses elementos tem as propriedades da água. (SAUSSURE, 2012, p. 120).

As três metáforas utilizadas por Saussure procuram justamente ilustrar a impossibilidade de dissociação das duas faces do signo linguístico. Não é possível admitir a existência do significante sem o significado ou do significado sem o significante.

### **Princípios do signo linguístico**

Em Saussure, especialmente conforme dito no *Curso de Linguística Geral*, o signo linguístico apresenta duas características primordiais: a arbitrariedade e linearidade. Estas duas características são definidas pelo linguista genebrino como os dois princípios que regem o signo linguístico. A seguir, detenho-me a apresentar esses dois princípios e tecer importantes considerações sobre cada um deles, tomando por base as críticas a eles direcionadas após a publicação do *Curso de Linguística Geral*.

Em relação ao primeiro princípio, Saussure é bastante enfático: “o laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário”. Ele exemplifica: “a ideia de “mar” não está ligada por relação alguma anterior à sequência de sons *m-a-r*, que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual”. Como prova disso, temos “as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes: significado da palavra francesa *boeuf* (boi) tem por significante *b-ö-f* de um lado da fronteira franco-germânica e *o-k-s* (*Ochs*) do outro.”. (SAUSSURE, 2012, p. 108).

Apesar de parecerem eminentemente claras, as afirmações de Saussure sobre a arbitrariedade do signo linguístico geraram muitas controvérsias (muitas delas esperadas pelo próprio Saussure), de modo que convém fazer alguns apontamentos sobre elas.

Ora, dizer que o signo linguístico é arbitrário não significa pensar que ele dependa exclusivamente da intencionalidade do falante, que, assim, poderia, ao seu bem querer, fazer livremente associações aleatórias entre significantes e significados. Antes, dizer que o signo linguístico é arbitrário significa “reconhecer que não existe uma relação necessária, natural, entre a imagem acústica (seu significante) e o sentido que a ela nos remete (seu significado)” (COSTA, 2011, p. 119). O próprio Saussure parecia suspeitar que o uso do termo arbitrário pudesse incidir confusão ou mesmo má compreensão, quando ressalva:

A palavra *arbitrário* requer também uma observação. Não deve dar a ideia de que o significante dependa da livre escolha do que fala (ver-se-á, mas adiante, que não está ao alcance do indivíduo trocar coisa alguma num signo, uma vez que esteja ele estabelecido num grupo linguístico); queremos dizer que o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade. (SAUSSURE, 2012, p. 109, grifos do autor).

Com arbitrário, portanto, Saussure entende que o signo linguístico não é motivado – ou melhor, o significante não é motivado pelo significado. A associação entre o significante e o significado é muito mais convencional, cultural, porque resulta de acordo estabelecido entre os membros de uma comunidade. “Com efeito, todo meio de expressão aceito numa sociedade repousa num hábito coletivo, ou o que vem dar na mesma, numa convenção” (SAUSSURE, 2012, p. 109).

Mas, “existirão exceções ao princípio do arbitrário do signo?” (ARRIVÉ, 2010, p. 59). Ou ainda: “não existiria esse vínculo natural nos estágios mais arcaicos das línguas?” (LOPES, 1997, p. 84). São questões desse tipo que Saussure parece se fazer para poder livrar-se de acusações futuras que questionem o princípio da arbitrariedade, segundo ele, *não contestado por ninguém*. Assim, prontamente o linguista defende-se da contra-argumentação aparente das onomatopeias e das exclamações.

Em relação às onomatopeias, Saussure (2012, p. 109) deixa claro que, por não tratar-se de elementos orgânicos do sistema de uma língua, “seu número é bem menor do que se crê”, e, mais uma vez, quando comparadas em línguas diferentes, ver-se que não apresentam nenhuma simetria entre seus significantes. Na verdade, quando são introduzidas na língua as onomatopeias “engrenam mais ou menos na evolução fonética, morfológica etc. que sofrem outras palavras” (id.), de molde a perder seu caráter primeiro para adquirir o do signo linguístico em geral – que é arbitrário.

As exclamações, tal como as onomatopeias, não se apresentam em número significativo que ameace a tese da arbitrariedade do signo linguístico. Assim, ao menos para a maioria delas, é possível negar a existência de um vínculo entre significante e significado (SAUSSURE, 2012).

Mas Saussure é cauteloso para explicar que algumas palavras apresentam uma *motivação relativa*, observada, principalmente, nos casos em que um elemento linguístico é composto pela combinação de mais de um termo presentes na língua.

Desse modo, *vinte* é imotivado, mas dezenove não o é no mesmo grau, porque evoca os termos de que se compõe e outros que lhe são associados, por exemplo, *dez*, *nove*, *vinte e nove*, *dezoito*, *setenta* etc.; tomados separadamente, *dez* e *nove* estão no mesmo pé de *vinte*, mas *dezenove* apresenta um caso de motivação relativa (SAUSSURE, 2012, p. 189).

Ora, apresentar a possibilidade de uma motivação relativa na língua poderia implicar uma limitação para o princípio da arbitrariedade. Não se pode falar mais só sobre arbitrariedade, mas sobre graus, sobre um “princípio de ordem e de regularidades em algumas partes da massa dos signos” (SAUSSURE, 2012, p. 182). Entretanto, o próprio Saussure (2012) explicita que a motivação relativa é interna ao sistema da língua, isto é, só operar nos *termos do tesouro*, não atingindo a relação do significado com o significante, “que continua a ser governada pelo princípio fundamental do arbitrário do signo” (p. 183).

O outro princípio apresentado por Saussure (2012) é o caráter linear do significante: “O significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) *representa uma extensão* e b) *essa extensão é mensurável numa só dimensão*: é uma linha” (p. 110, grifos do autor).

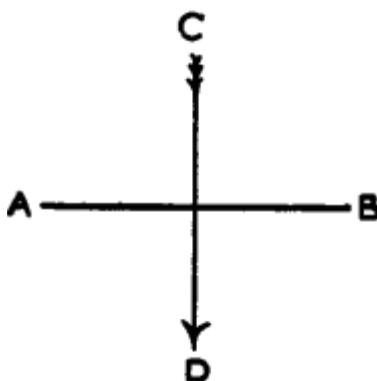
Este princípio parece ser exclusivo do significante, porque apenas ele é afetado pelo *caráter linear*. Na verdade, trata-se de um princípio bastante previsível, se pensamos que, por exemplo, ninguém consegue pronunciar duas palavras simultaneamente. O tempo, pois, é aqui visto como elemento essencial à realização do significante: “os significantes acústicos dispõem apenas da linha do tempo” (SAUSSURE, 2012, p. 103). Ora, assim, como sugere Arrivé (2010, p. 70), “a linearidade do significante é exatamente a sujeição dos significantes acústicos, também chamados de elementos, ao tempo”.

Estes são os dois princípios apresentados pelo mestre genebrino. Para este trabalho, interessa-me especialmente o segundo princípio, porque inseparável do tempo e, por isso, será abordado com mais detalhes em tópico posterior.

## Duas Linguísticas: evolução e estabilidade

Assim, a Linguística se acha aqui ante sua segunda bifurcação. Foi necessário, primeiro, escolher entre a langue e a parole; agora estamos na encruzilhada dos caminhos que conduzem, um à diacronia, outro à sincronia (SAUSSURE, 2012, p. 114).

É principalmente por causa da multiplicidade e da complexidade do sistema de signos que compõe a língua que Saussure afirma ser complicado estudá-la, simultaneamente, no tempo e no sistema, isto é, estudá-la ao mesmo tempo em seus dois eixos: o eixo das simultaneidades e o eixo das sucessões. Por isso, segundo ele, necessário se faz distinguir duas linguísticas: uma *Linguística evolutiva* e uma *Linguística estática*. Ou melhor, uma *Linguística sincrônica* e uma *Linguística diacrônica*:



Fonte: Saussure (2012)

A seguir, descrevo cada uma dessas duas linguísticas, que designam, respectivamente, um estado de língua e uma fase de evolução.

No primeiro caso, no eixo AB, segundo Saussure, o linguista se interessaria pelas relações existentes entre os fatos de um sistema linguístico, tal como elas se apresentam em um dado momento, tanto do presente quanto do passado. Trata-se do eixo das simultaneidades. Diz-se que é nesse aspecto que se faz qualquer abstração de tempo (Cf. LOPES, 1997). No segundo caso, no eixo CD, ao linguista, interessa o estudo das relações entre um dado fenômeno do sistema e outros fenômenos a ele anteriores ou posteriores. Aqui, o tempo é fator primordial, pois interessa olhar a língua em uma linha evolutiva de continuidade temporal.

Assim, distingue Saussure (2012, p. 96): “é sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência; diacrônico tudo que diz respeito às evoluções.”.

Saussure parece assumidamente defender uma Linguística sincrônica em detrimento de uma Linguística diacrônica. Essa escolha está relacionada à sua própria concepção de língua. Como visto, para ele, a língua compreende “um sistema de valores puros que nada determina fora do estado momentâneo de seus termos” (p. 95). “Na perspectiva diacrônica, ocupamo-nos com fenômenos que não têm relação alguma com os sistemas, apesar de os condicionarem” (p. 101). Ora, se assim o é, necessário se faz estudar a língua em um dado momento específico, isto é, adotando-se uma perspectiva sincrônica, porque só dessa forma seria possível compreender a “língua como um sistema do qual todas as partes podem e devem ser considerados em sua solidariedade sincrônica” (p. 102).

De acordo com De Mauro (1985, p. 451), a opção metodológica de Saussure reflete a relação existente entre a natureza do signo e o método sincrônico, ou seja, “a relação entre o significado e o significante é radicalmente arbitrária e, conseqüentemente, a única razão que determina a configuração particular entre um significado e um significante é o fato de os outros significantes e significados coexistirem com ele no mesmo sistema que o delimita e define.”. Em outros termos, para que um signo linguístico possa ser estudado, é preciso considerá-lo dentro do sistema linguístico do qual faz parte, pois só assim é possível saber qual seu valor.

No *Curso de Linguística Geral*, Saussure utiliza várias metáforas para ilustrar a distinção entre sincronia e diacronia. A mais clara e reconhecida delas é a metáfora do jogo de xadrez. Saussure (2012, p. 130) compara o jogo de xadrez com o jogo da língua: “estamos em presença de um sistema de valores e assistimos às suas modificações. Uma partida de xadrez é como uma realização artificial daquilo que a língua nos apresenta sob forma natural”. Desse modo, cada posição do jogo equivale a um estado de língua e assim como o valor de cada peça depende de sua posição no tabuleiro, também na língua cada termo adquire seu valor em função de sua posição em relação aos outros termos. Ademais, o sistema do jogo de xadrez sempre é momentâneo, porque sempre varia de uma posição para outra, conforme cada jogada, mesmo que os valores dependam de uma convenção imutável: a regra do jogo. O mesmo se admite para a língua. Finalmente, pode-se dizer que para passar de um equilíbrio para o outro (ou de uma sincronia para outra), é suficiente apenas o deslocamento de uma peça, não necessitando ocorrer mudança geral no sistema. Em síntese:

- a) Cada lance do jogo de xadrez movimenta apenas uma peça; do mesmo modo, na língua, as mudanças não se aplicam senão a elementos isolados.
- b) Apesar disso, o lance repercute sobre todo o sistema; é impossível ao jogador prever com exatidão os limites desse efeito. As mudanças de valores que disso resultem serão, conforme a ocorrência, ou nulas ou muito graves ou de importância média. Tal lance pode transtornar a partida em seu conjunto e ter consequências mesmo para as peças fora de cogitação no momento. Acabamos de ver que ocorre o mesmo com a língua.
- c) O deslocamento de uma peça é um fato absolutamente distinto do equilíbrio precedente e do equilíbrio subsequente. A troca realizada não pertence a nenhum dos dois estados: ora, os estados são a única coisa importante.

Conforme Saussure (2012), a metáfora do jogo de xadrez consagra a distinção entre sincronia e diacronia. Na partida de xadrez, cada jogada independe das jogadas antecedentes; “o que acompanhou toda a partida não tem a menor vantagem sobre o curioso que vem espiar o estado do jogo no momento crítico” (p. 131). Do mesmo modo, para se compreender um estado de língua, tal como no jogo, não importa as mudanças pelas quais tenha passado o sistema.

Agora, a comparação falha em um aspecto. E é o próprio Saussure quem reconhece este problema. Enquanto na partida de xadrez, em cada jogada, o jogador age intencionalmente, isto é, ele desloca cada peça conforme sua vontade, na língua nada é deliberado previamente, porque não há intencionalidade ou mesmo premeditação. No sistema da língua, as peças (os signos linguísticos) são movimentadas (isto é, os signos são modificados) de forma espontânea e fortuita.

## O tempo

A língua já não é agora livre, porque o tempo permitirá às forças sociais que atuam sobre ela desenvolver seus efeitos.  
(SAUSSURE, 2012, p. 119)

A epígrafe deste tópico diz respeito ao último parágrafo do capítulo sobre mutabilidade e imutabilidade do signo do *Curso de Linguística Geral*. Para nós, trata-se de afirmação central, porque mostra a possibilidade de atuação do tempo sobre as forças que promovem mudança na língua e, por extensão, da atuação do tempo sobre a língua.

Ora, falar do tempo em Saussure é uma tarefa por demais ousada, principalmente considerando a opção que o mestre faz por uma ciência sincrônica, estática, da língua. Para muitos, esta escolha metodológica assumida pelo mestre genebrino já assinala a necessidade de desaparecimento da variável tempo, porque uma Linguística sincrônica trata a língua desvencilhada de sua história e de sua temporalidade.

Pretendemos aqui mostrar o oposto: a cisão realizada por Saussure entre sincronia e diacronia – e sua escolha por uma perspectiva sincrônica – não implica necessariamente a omissão da variável tempo no estudo da língua, pois como assinala o próprio Saussure (2012), dentro da sincronia também há diacronia.

A propósito, retomando Arrivé (2007, p. 113), autor que embasa de forma privilegiada nossa reflexão, “contrariamente ao que era veiculado por uma posição dominante durante muito tempo, [o tempo] está no centro da reflexão saussuriana”. Por isso, ainda conforme este autor, é válido pensar o tempo na obra de Saussure a partir de três aspectos distintos:

- i) O aspecto estritamente linguístico, tal como manifestado no *Curso de Linguística Geral* e em outros textos correlatos.
- ii) A componente semiológica da reflexão de Saussure: a pesquisa sobre a lenda, os textos correlatos e as passagens semiológicas do *Curso*.
- iii) A pesquisa sobre os anagramas.

Apesar disto, dada à extensão deste trabalho, pretendemos abordar apenas o primeiro aspecto, isto é, interessa-nos pensar o tempo em seu aspecto estritamente linguístico, tomando por base as afirmações do *Curso*, dos *Escritos* e de outros textos correlatos.

Sob este ponto de vista, é possível dizer, mesmo que de modo bastante geral, que o tempo parece intervir na língua pelo menos de duas formas – inclusive já citadas anteriormente ao longo desse texto.

Na primeira delas, o tempo é fator que determina um dos princípios que governam o signo linguístico: o caráter linear do significante. “O significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) representa uma extensão, e b) essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha” (SAUSSURE, 2012, p. 110). Subjaz a este princípio a ideia de que todos os significantes acústicos dispõem apenas da linha do tempo para organizar-se; eles não podem ser apresentados simultaneamente, mas sempre um depois do outro, formando uma espécie de

cadeia. Ora, dado o caráter acústico do significante sugerido por Saussure, muitos acreditam que este primeiro modo de intervenção do tempo afeta apenas a fala.

Na segunda forma de intervenção do tempo sobre a língua determina a existência das duas linguísticas também já apresentadas anteriormente: uma linguística sincrônica e uma linguística diacrônica. “A língua é afetada pelo tempo da diacronia” (ARRIVÉ, 2007, p. 137).

Assim definidos, poderia se falar em dois tempos em Saussure: um tempo que afeta a fala (o tempo do caráter linear do significante) e um tempo que afeta a língua (o tempo da diacronia). Seria mais uma dicotomia saussuriana. Entretanto, conforme perspectiva defendida por Arrivé (id.) – a qual adotamos neste trabalho – “os fatos não são tão simples”.

Primeiro, carece de uma reflexão mais aprofundada o caráter linear do significante. O próprio Saussure (2012) declara que esse princípio parece ter sido negligenciado, porque considerado simples demais. Para muitos, o princípio é contraditório: se o signo é composto por duas faces inseparáveis – significante e significado – como um princípio pode dizer respeito apenas a uma dessas faces? Ora, mas é ainda Saussure quem diz que “todo o mecanismo da língua depende dele” (id.), de modo que se pode dizer, retomando Hjelmslev (1939, *apud* ARRIVÉ, 2007, p. 139), que o “caráter linear domina o significante e o significado da mesma maneira que, em outros termos, ele domina o signo linguístico”. Isto fica evidente quando Saussure (2012) trata no *Curso* das relações pragmáticas e sintagmáticas. Para apresentar as relações sintagmáticas, ele recorre à noção de *caráter linear da língua*, o que evidencia ser não apenas o significante linear, mas todo o signo linguístico. Como aponta Hjelmslev (1939, *apud* ARRIVÉ, 2007), o sintagmático é válido não só para o significante, mas também para o significado, de modo que as relações sintagmáticas não podem ser estabelecidas a não ser por meio de um encadeamento linear de unidades.

Desse modo, não se pode dizer que o tempo do caráter linear interfere apenas na fala, mas também na língua, já que governa o signo linguístico. Neste momento, inclusive, já é possível questionar se existem mesmo dois tempos: um tempo do caráter linear do significante, que incide somente sobre a fala, e um tempo da diacronia, que incide sobre a língua.

Acompanhando Arrivé (2007, p. 140), entramos na defesa de que em Saussure, ao menos considerando o aspecto linguístico, há um único tempo: “é o mesmo tempo que está em causa no caráter linear – dessa vez estendido ao significado e, com isso, à língua – e na

diacronia”. Na verdade, existem argumentos no próprio *Curso* que nos permitem pensar dessa forma:

Eis porque podemos dizer que é tão interessante saber como *Senhores!* repetido várias vezes em seguida em um discurso é idêntico a si mesmo, quanto saber por que em francês *pas* (negação) é idêntico a *pas* (substantivo) ou, o que vem dá no mesmo, por que *chaud* é idêntico a *calidum* (SAUSSURE, 2012, p. 242).

O tempo que separa linearmente as várias ocorrências sequenciadas da palavra *senhores* é o mesmo que separa *chaud* de *calidum*. É claro que esses últimos correspondem a usos bastante distanciados, porque compreendem sincronias diferentes. Mesmo assim, é mesmo o tempo que os separa. Não há, em Saussure, um tempo que incide sobre o discurso do sujeito (na fala) e outro tempo que incide apenas sobre a língua. O tempo é um só. E ainda, retomando agora afirmação de Arrivé (2007, p. 144): “a única e capital diferença é o papel conferido à massa falante no momento da intervenção da língua”.

Sim, porque é preciso compreender que não é o tempo, ao contrário do que muitos dizem, o responsável pela mudança da língua. Na verdade, “se se tomasse a língua no tempo sem a massa falante [...] talvez não se constatasse nenhuma alteração; o tempo não agiria sobre ela” (SAUSSURE, 2012, p. 113). Pois bem, não é o tempo o “ator único” da mudança linguística. É claro que as mudanças são perceptíveis no tempo, mas sem a massa falante, sem os sujeitos, as mudanças não ocorreriam. O tempo pode ser concebido, pois, como condição à mudança linguística, porque ele incide sobre a língua, mas não como fator único responsável pela mudança.

Talvez por isso, alguns insistam em dizer: “A linguagem [tal como concebida por Saussure] em si mesma não comporta nenhuma dimensão temporal, ela é sincronia e estrutura, funciona apenas em função de sua natureza simbólica” (BENVENISTE, 1978, p. 05). Entretanto, o tempo não incide somente na diacronia. Na própria sincronia, é impossível não considerar o fator tempo. É possível afirmar isto retomando a metáfora do jogo de xadrez: “uma língua só é comparável à ideia *completa* da partida de xadrez, comportando, ao mesmo tempo, as *posições* e os *lances*, ao mesmo tempo as *mudanças* e os *estados* da sucessão” (SAUSSURE, 2002, p. 178). Ora, o tempo da partida não é apenas o sincrônico, mas uma soma deste com o diacrônico.

Mas, afinal, qual então a função do tempo na perspectiva saussuriana? A questão é complexa e demanda uma reflexão muito maior do que a aqui pretendida. Certamente, o debate precisa ser instigado e desenvolvido, porque gera controvérsias e interpretações, muitas vezes, por demais distintas, o que é comum quando se trata de discutir o pensamento de Saussure, principalmente considerando a problemática que envolve a publicação de seu pensamento – por todos nós já conhecida. Por ora, basta apenas dizer que não é possível abdicar da noção de tempo em Saussure. É ele próprio que a introduz em diversos pontos e momentos de seu pensamento. E creio que os argumentos aqui apresentados foram suficientes para demonstrar isto.

### Referências

- ASSIS, M. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Moderna, 1999.
- ARRIVÉ, M. *Em busca de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.
- COSTA, M. A. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.) *et al. Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2011.
- DE MAURO, T. *Edição Crítica do Cours de Linguistique Générale de F. de Saussure*. Paris: Payot, 1985.
- ILARI, R. O Estruturalismo Linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.) *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2009.
- LOPES, E. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- MARTINS, M. A. O tempo da Linguística. *Revista Letras*. N. 75/76, p. 113-126. Curitiba: Editora UFPR, 2008.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Escritos de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2002.